

ANTÔNIO GRAMSCI E PAULO FREIRE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

João Ferreira da Silva Junior

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Mestrado em Educação, Presidente Prudente, SP. E-mail: joaoferreira1975@bol.com.br

RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma análise crítica dos pensamentos filosóficos de Antônio Gramsci e Paulo Freire. O trabalho pretende analisar e sistematizar as ideias e os pensamentos-ação de dois autores, tanto no que diz respeito aos principais conceitos trabalhados por Freire, quanto no que tange ao trabalho dos educadores e sua formação. A pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, foi a metodologia utilizada, dentro dos limites toleráveis éticos e científicos. O tema despertou interesse ao longo de minha prática pedagógica de cinco anos na Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel” – FUNAP, instituição responsável pela educação no sistema prisional do Estado de São Paulo, como monitor orientador na Penitenciária de Pracinha. Dessa forma o trabalho a ser desenvolvido pretende analisar e sistematizar as ideias e os pensamentos-ação de dois autores que contribuíram para a Educação: Antônio Gramsci e Paulo Freire.

Palavras-chave: Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, Filosofia e Autonomia.

ANTONIO GRAMSCI AND PAULO FREIRE: A POSSIBLE DIALOGUE

ABSTRACT

This research consists of a critical analysis of the philosophical thought of Antonio Gramsci and Paulo Freire. Thus the work being developed aims to analyze and systematize the ideas and thoughts-action of two authors: Antonio Gramsci and Paulo Freire, both with regard to the main concepts used by Freire as with respect to the work of educators and their training. The methodology used is the literature, qualitative, but within tolerable limits as much ethical as scientific. The topic was sparked interest throughout my teaching practice five years the Foundation "Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel" - UNFPA, the institution responsible for education in the prison system of São Paulo, as a guiding monitor the Penitentiary of Pracinha. Thus, the work being developed aims to analyze and systematize the ideas and thoughts-action of two authors who have contributed to the Education: Antonio Gramsci and Paulo Freire.

Keywords: Literacy, Youth and Adult Education, Philosophy and Autonomy

INTRODUÇÃO

Educar um indivíduo plenamente é garantir que ele tenha oportunidade de viver em sociedade, podendo chegar a qualquer posto ou hierarquia. No Brasil, entretanto, a força capitalista segregou a maioria dos indivíduos, impondo-lhes somente a condição de mão de obra e, se possível, barata.

Caberia então à escola o papel de não somente alfabetizar, mas despertar a força e a inteligência naqueles que ficaram para trás no processo cultural do desenvolvimento, de forma que todo cidadão seja motivado pela sua própria cultura e escreva a história deste país, assumindo todas as formas de ação que os habilitem a fazer as transformações necessárias, inclusive a leitura.

Tanto Gramsci quanto Freire mostraram amor comum pelos oprimidos e confiança nas possibilidades da educação como fator de transformação social: não somente na Itália, para Gramsci, mas também para o resto do mundo, onde seu pensamento e suas obras afloraram. Com Paulo Freire não foi diferente, visto que, além de focar os oprimidos brasileiros, sua obra se voltou igualmente para o resto do mundo, pois até em seu exílio serviu de alento a muitas comunidades, não só na América do Sul como em muitos países do continente africano.

Freire e Gramsci acreditavam que a tomada de consciência era o primeiro passo que os oprimidos deveriam dar na direção da libertação. São, portanto, autores sensíveis à problematização das possibilidades da educação. Refletir sobre ambos e mensurar em que medida Antônio Gramsci influenciou e contribuiu para que Paulo Freire elaborasse sua concepção de educação de jovens e adultos e principalmente sua metodologia formulada sobre a “palavra geradora” são também objetivos da pesquisa.

Paulo Freire sempre disse e escreveu que o processo da ação pedagógica começa pelo meio que envolve o educando: “antes de aprender a dizer a palavra é fundamental que o oprimido saiba ler o mundo” (FREIRE, 1976, p. 24).

1 O ENCONTRO DE IDEIAS DE DOIS INTELECTUAIS

Ao ser exilado no Chile em 1964, Paulo Freire teve tempo de refazer suas leituras de cunho marxista, ou seja, realizar um reencontro com o materialismo histórico dialético. O pensador que mais o impressionou foi Antônio Gramsci, autor dos *Quaderni del Cárcere*, escritos em 1935, quando esteve preso na Itália durante o regime fascista de Mussolini, devido à sua luta e militância constantes em defesa dos proletariados italianos.

Refeitas suas leituras, Paulo Freire escreveu sua obra-prima, a “Pedagogia do Oprimido”, em 1965, também quando esteve no Chile, durante o exílio devido à sua luta pelos trabalhadores rurais.

Várias vezes nos perguntaram e, nós nos perguntamos, porque estudar Gramsci, um clássico. Para nós, estudar um clássico é fundamental, entretanto, é preciso compreendê-lo no seu espaço tempo, sem trazê-lo linearmente para o nosso tempo, mas contextualizá-lo e resignificá-lo no espaço tempo em que estamos vivendo, conhecendo sua vida e sua obra, enfim as condições concretas de produção de sua vida e de sua obra. (VIOLA E FERNANDES, 1999, p.2)

Embora distantes no tempo e no espaço, ambos compartilham a mesma base epistemológica, o materialismo histórico dialético, os fez pensar a educação de modo diferente em relação à sua época. Gramsci está vivo na obra de Paulo Freire, pois a teoria e o método de alfabetização do educador brasileiro foram aperfeiçoados com o aporte das ideias do pensador italiano.

Os dois autores também têm em comum o fato de entender que a educação é uma arma poderosa para transformar a sociedade, tanto no Brasil e na Itália, como no resto do mundo. Gramsci almejava que os operários parassem de sofrer a opressão vivida nas fábricas, e Paulo Freire desejava que os condenados da terra, por meio da educação, tivessem uma consciência crítica e política, que alcançassem assim a autonomia e, por fim, sua libertação.

Gramsci pensava que era preciso formar o homem para que fosse capaz de pensar, de governar e de controlar aqueles que governam. Como ele mesmo relata: “Assim, a escola poderia não somente formar o cidadão, no sentido do Iluminismo, mas também o cidadão com condições políticas de governar” (GRAMSCI, 2006, p. 56).

É fato que Paulo Freire foi um dos grandes estudiosos de Antônio Gramsci e que sua concepção epistemológica se deu também por essa via. A hegemonia foi uma constante na obra dos dois pensadores, que usaram-na para denunciar a passividade, o “senso comum” dos indivíduos diante de uma força de dominação disfarçada de assistencialismo pelo próprio sistema. A intenção dos dois pensadores era que os indivíduos pudessem conhecer a realidade do sistema, proporcionando-lhes a capacidade de buscar caminhos e alternativas à Libertação, ou seja, o “senso crítico”, outra expressão muito usada pelos autores.

Por esta razão, a conscientização é um projeto irrealizável pela direita, que, por sua natureza, não pode ser utópica. Não há conscientização popular sem uma radical denúncia das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade a ser criada em função dos interesses das classes sociais hoje

dominadas. (FREIRE, 1981, p. 81)

Dessa maneira, é necessário que haja indivíduos preparados para essa catarse, ou passagem, do senso comum, mundo passivo, para o senso crítico, “mundo revolucionário”, como falou Gramsci (2006), que chamou de intelectuais orgânicos àqueles que passassem por essa mudança.

Por isso, seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais [...]. Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas, sobretudo em conexão com grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. (GRAMSCI, 2006, p.18)

Para Paulo Freire, esses indivíduos seriam as lideranças revolucionárias, que através de várias organizações sociais, como sindicatos, escolas, empresas e partidos políticos, levariam as massas à conscientização e, depois, à tomada do poder, ou seja, a revolução social por meio de uma práxis libertadora e uma ação dialética.

Tanto Antônio Gramsci como Paulo Freire fizeram um alerta sobre os intelectuais da classe dominante que trabalhavam para perpetuar o seu domínio sobre a massa popular. Destacaram, ao mesmo tempo, a necessidade da formação dos intelectuais orgânicos da própria classe trabalhadora, os quais teriam a função de revelar aos trabalhadores a possibilidade de um novo mundo, elaborar uma teoria revolucionária participando da vida política e social de seu bairro e da sua cidade, para, enfim, alcançar uma transformação total. Como relata Gramsci, caberia, aos intelectuais orgânicos, “imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador e persuasor permanente” (GRAMSCI, 2006, p. 53).

Antônio Gramsci via na educação e na formação cultural de adultos a chave para a criação da ação contra hegemônica. Ele considerava essenciais esses processos para que os grupos sociais subordinados se engajassem com sucesso na “guerra de posição” necessária para desafiar o Estado burguês e transformá-lo em um Estado que representasse interesses mais amplos. (...) O desafio é, a partir dos insights de Gramsci, desenvolver uma estratégia de educação de adultos que contribuirá para transformar a sociedade em uma outra que represente os interesses de todos aqueles grupos de pessoas que, sob as atuais circunstâncias, ocupam uma posição subordinada na estrutura de poder. (MAYO 2004, p. 53)

Dessa forma, a conscientização poderá levar à conquista da hegemonia pelas classes subalternas, ou seja, à edificação de uma nova sociedade, a uma construção de vida alternativa à hegemonia capitalista.

2 AS IDEIAS E AS CONCEPÇÕES NA PRÁTICA

Com sua base epistemológica definida, cheio de esperança, Paulo Freire¹ desenvolve o método de alfabetização conhecido pela “palavra geradora”, idealizado, *a priori*, para alfabetizar trabalhadores rurais. Sua aplicação obteve grande sucesso, pois ele conseguiu alfabetizar 300 trabalhadores rurais em 45 dias, com 40 horas de aulas sem cartilha, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Não somente alfabetizou, mas abriu caminhos que proporcionaram mudanças significativas na vida dos alfabetizados.

Paulo Freire era um grande crítico da cartilha e do sistema tradicional de educação, pois, segundo ele, tanto este como aquela têm por base processos que visam à repetição de palavras isoladas, como *faca, foca e fada*, ou também de frases descontextualizadas, como *Ivo viu a uva, O boi baba, A faca é da fada*, denominadas linguagem de cartilha. Nas palavras do autor, uma educação “bancária”, um sistema de ensino em que o professor “deposita” e o aluno “recebe”, sem fazer observações ou críticas.

A investigação do universo do educando passa pelo conhecimento do ambiente onde ele vive, pois é só conhecendo a sua realidade, que poderá o professor ter uma visão global de seus alunos. É nessa etapa que o professor tem o encontro com o acervo vocabular dos educandos, o qual deixa de ser uma língua estrangeira, mas algo compreensível pelo professor. Surgem daí os temas e as palavras geradoras, que podem variar entre 18 e 23 palavras e servirão de suporte para a alfabetização e a tomada de consciência dos estudantes.

A tematização é o momento de maior ganho dos educandos, quando passam a tomar consciência do significado de cada tema ou palavra, muito além de um simples processo de codificação ou decodificação. Dessa forma, a alfabetização tem a função de escancarar a realidade vivida por cada educando, criando-lhes possibilidades de transformá-la, com a ajuda dos professores ou “guias”, por meio da “maiêutica” - o método de Sócrates, ou a arte de fazer com que o saber venha à luz (GRAMSCI, 2006). Nota-se que, para Gramsci, o método é a maiêutica, ou o parto das ideias, que leva os indivíduos à tomada de consciência; para Paulo Freire, a palavra geradora é, da mesma forma, um nascimento, ou seja, traz em si a potencialidade de promover a libertação ou a tomada de consciência, de forma explícita, para a sua própria felicidade.

A terceira etapa é a problematização, quando o aluno, instigado pelo professor, compreende o quanto é oprimido e, dessa forma, passa a exigir o seu espaço como ser histórico,

¹ Continuaremos a demonstrar que existe uma grande convergência entre Paulo Freire e Antônio Gramsci no que diz respeito ao processo de alfabetização pela palavra geradora.

social e político, agindo para transformar a realidade no ambiente em que vive e tornar-se um cidadão de fato.

Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de se fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem como processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais a condição de objeto de alfabetização do que sujeito da mesma. (FREIRE 1979, P. 72)

Antônio Gramsci pensava na revolução a partir das fábricas, ou seja, no ambiente urbano onde viviam os operários marginalizados das indústrias e siderúrgicas italianas. Já para Paulo Freire a revolução teria como berço o meio rural dos marginalizados do campo, ainda que suas ideias não tenham se limitado a esse universo. Ambos, no entanto, fizeram uso da figura geométrica do círculo para desenvolverem sua metodologia. Para Gramsci, os Conselhos de Fábrica, com seus círculos de cultura, seriam um meio para a construção da revolução proletária e de um novo homem, bem como para uma reforma intelectual e moral (GRAMSCI, 2006, p. 62).

Paulo Freire, por sua vez, também substituiu a sala de aula tradicional pelo círculo de cultura, compreendido como centro irradiador de ideias transformadoras. Se no círculo não há como um ficar de costas para o outro, todos se olham e se veem, aprendem e ensinam ao mesmo tempo, propiciando a tomada de consciência, num processo intensamente dialético, onde não há espaço para o professor que tudo sabe, mas para um educador animador, instigador. Dessa forma, os debates com os temas e as palavras geradoras - família, saúde, educação, trabalho, segurança, liberdade e religiosidade, entre outros - ficariam mais eloquentes, favorecendo a participação até mesmo daqueles que nunca falaram em público.

O círculo de cultura era uma experiência em que você trabalhava com duas, três ou até vinte pessoas, não importava. Aí eu havia aprendido muito com a experiência do SESI. Os projetos dos círculos de cultura do MCP não tinham uma programação feita a priori. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos círculos de cultura, o grupo que estabelecia. Cabia a nós, como educadores, com o grupo, tratar a temática que o grupo propunha. Mas podíamos acrescentar à temática proposta este ou aquele outro tema que, na Pedagogia do Oprimido, chamei de “temas de dobradiça” — assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular. Porque acontece o seguinte: é que,

indiscutivelmente, há uma sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social de que o povo participa, mas, às vezes, o que está faltando é uma compreensão mais solidária dos temas que compõem o conjunto desse saber. (Freire & Betto, 1985, p.14)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao produzir este trabalho, objetivamos dar ênfase à importância da educação como mecanismo de mudança. Considerando que a educação está permeada de teorias e metodologias, optamos por fazer uma análise interpretativa e comparativa da forma de pensar dos dois autores estudados, Antônio Gramsci e Paulo Freire. O estudo mostra, com clareza, não somente a proximidade de seus posicionamentos, como também a relevância de sua contribuição à educação, principalmente a contemporânea.

Destacamos a influência de Gramsci na obra de Paulo Freire, no que tange principalmente à educação libertadora, que promove a autonomia do indivíduo. Ao estudar o pensador italiano, Freire teve um *insight* que o levou à construção da teoria da educação ou da teoria pedagógica, assim como da sua visão da educação e do educador:

Acredito que seja nosso dever criar meios de compreensão de realidades políticas históricas que deem origem a possibilidades de mudanças. Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos (as), pouco a pouco, revelarem sua própria realidade. (FREIRE, 2001, p. 35)

As principais ideias do construto teórico de Antônio Gramsci estão presentes na obra de Paulo Freire, atribuindo consistência filosófica e política ao pensamento freireano. Além da evidente convergência entre o pensamento de um e outro, a pesquisa também evidenciou que em determinados aspectos as ideias chegam a entrar em estado de simbiose, não sendo possível identificar o seu produtor.

Dentre os conceitos convergentes, destacam-se: os círculos de cultura, centros irradiadores das ideias transformadoras, num processo intensamente dialético; o meio ou o local de residência dos indivíduos como significativo no processo educacional, fazendo a relação entre a escola e a vida; os intelectuais orgânicos como divulgadores do processo da tomada de consciência; por fim, uma nova hegemonia, a hegemonia do libertado. Complementando, tanto Gramsci quanto Freire defendem a ideia de que o educador seja formado de maneira a acreditar na educação como prática de liberdade. Para ambos, ainda, a educação deveria partir do diálogo crítico e reflexivo, realizado constantemente com o educando, levando-o a se reconhecer como homem e a refletir

sobre suas condições concretas, pois “a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática” (FREIRE, 1983, p. 57).

Gramsci e Freire, enfim, preocupados não só com alfabetizar, mas também com conscientizar as pessoas sobre sua condição, tinham amor pela vida e acreditavam que a educação era a porta que levava o indivíduo à libertação. Portanto, ainda que distantes cronológica e fisicamente, confirma-se a forte ligação entre o pensamento de ambos, comprovada pelo fato de ter Freire construído sua base epistemológica a partir de seus estudos sobre a obra de Gramsci.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. & BETTO, Frei. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia dos Sonhos Possíveis. Ana Maria Araújo Freire (org). São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 46ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. V 2.
- GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 a. V 3.
- GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b. V 4.
- MAYO, Peter. Gramsci, Freire e a Educação de Adultos: possibilidades para uma ação transformadora. Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- VIOLA, Solon Eduardo; FERNANDES, Cleoni Maria. Autonomia e conhecimento: algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire. São Paulo, v. 29, nº 2, 1999. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2004/02/a7.htm> Acesso em 13 de junho de 2015.